



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**A “LENDA NEGRA” EM STENDHAL: UMA LEITURA DA
REPRESENTAÇÃO CONTRÁRIA A BONAPARTE**

Daniel Eveling da Silva*

Napoleão Bonaparte e o período de seu governo, 1796-1814,¹ despontaram na literatura do século XIX com uma influência considerável nas preocupações dos autores europeus, marcadamente os franceses. No período da Restauração, pós 1814, escritores como Benjamin Constant e Madame de Stael, por exemplo, foram opositores do líder e o compararam a “Nero” com ares de um tirano, sem ter dado continuidade “a consagração das liberdades proclamadas em 1789”.² Para eles tais mudanças acontecidas na Revolução deveriam ter sido mantidas pelo general, como, por exemplo, a igualdade, sem estamentos, da sociedade.

* Doutorando no Programa em História da Universidade Federal de Juiz de Fora História: Cultura e Poder, na linha “Narrativas, Imagens e Sociabilidades”, orientado pela Professora Doutora Beatriz Helena Domingues. Graduado e Mestre em História pela mesma instituição. Esse trabalho compõem parte da minha tese de doutoramento, especificamente o capítulo 3. Neste considero as representações stendhalianas da França de inícios do século XIX e as formas de “leitura” de Napoleão Bonaparte no corpus de Stendhal.

¹ A fins de periodização considero o governo de Bonaparte se iniciando em 1796 com a primeira Campanha da Itália, pois, essa forneceu as bases para o golpe que alçou o general a “Primeiro Cônsul”, em 1799, e depois a “autocoroação” em 1804. Percebo assim três momentos de governo de Bonaparte: Campanhas da Itália, 1796-1799; Consulado de Bonaparte (1800-1803) e Império Napoleônico (1803-1814). Nessa última fase se concentra as atitudes como o “Bloqueio Continental” e as Guerras de Conquista na Europa.

² NEVES, Lucia M. Bastos. *Napoleão Bonaparte: Imaginário e política em Portugal (c.1808-1810)*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2008, p. 45.

Paralelamente a essa “corrente” opositora ao ex-imperador dos franceses existiu outra, cuja vertente era pautada por admiração pela figura do general. Nela podemos enquadrar autores como Victor Hugo e Balzac, reconhecidos, ainda em vida, como dois expoentes das artes francesas que partilhavam a simpatia pelo o período imperial e, consequentemente, pela trajetória de Napoleão Bonaparte.³ Nesta corrente ainda se enquadra, em meu entender, Stendhal, possuidor de uma “afetividade com o imperador”.⁴

Pretendo demonstrar como as “aparições” de Bonaparte podem ser percebidas nas obras de Stendhal por uma vertente de oposição ao líder, na denominada “lenda negra”. Sendo as críticas marcadas pelo caráter de “tirano” ou “usurpador” para Bonaparte. Para tal intento a “leitura dos sinais”, consoante Carlo Ginzburg me dá o aporte teórico e metodológico necessário. Sendo que a “lenda negra”, em Stendhal foi feita de forma mais “indireta” e inseriu-se, sobretudo, em alguns detalhes postos na escrita.⁵ Na perspectiva das duas correntes de visualização de Bonaparte Lúcia Neves nos diz que

Se, na França, a mítica imperial transformou Bonaparte em uma combinação de herói e semideus, especialmente entre 1800 e 1814, na Europa, em guerra contra o imperador, ao contrário, surgiram, nessa mesma época os primeiros escritos que divulgaram uma imagem depreciadora [...] Vinha à luz a *lenda negra*, que reduziu o herói às dimensões de um usurpador e exterminador de envergadura medíocre, dono de uma caráter feroz e sanguinário, cuja carreira, mesclada de crimes sórdidos terminou sem mais grandezas numa ilha perdida no Atlântico.⁶

Em minha leitura essa percepção também aparece nos escritos de Stendhal e pode ser analisada. Entretanto, se apresenta de uma forma mais indireta e muitas vezes em comentários irônicos sobre as classes opositoras de Napoleão.

Para a exposição de pontos de vista e filiações partidárias situou seus personagens em terras do Franco Condado e em Milão e Parma, locais dos enredos dos

³ Cf.: WINOCK, Michel. *As Vozes da Liberdade: os escritores engajados do século XIX*. Tradução de: Elóia Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

⁴ Cf.: RUSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. *História da Historiografia*. Ouro Preto, n 2, 2009. Para Rusen as questões de sentimento e a forma de aparecimento delas devem ser questionadas nos trabalhos históricos.

⁵ Cabe neste momento uma pequena explicação: as lendas “dourada e negra” surgiram na França do período Imperial de Bonaparte, ou seja, após 1804. Entretanto, tem uma origem no período anterior, quando Napoleão ainda era general e depois Primeiro Cônsul do governo francês.

⁶ NEVES, Lucia M. Bastos. *Napoleão Bonaparte*. *Op.cit.* p.42

romances “O vermelho e o negro” e “A Cartuxa de Parma”. Esse distanciamento pode ser, proposital com o intuito de se resguardar de possíveis “perseguições” pela postura adotada em sua escrita. Tendo em mente essas preocupações pretendo a crítica em relação a Napoleão Bonaparte, pautada em princípios de lenda negra.

Nos questionamentos do caráter contrário a Napoleão ainda é preciso ficar atento para a questão de serem mais centradas nas classes burguesas ou aristocráticas, seja na figura dos Rênal, La Mole (de “O vermelho e o negro”) ou nos do marquês Del Dongo (“A Cartuxa de Parma”), isso se representa, pelo olhar de Stendhal, grupos reacionários nos quais velhos privilégios foram revogados. Não digo haver a inexistência de “aristocracia” a serviço de Bonaparte, pois, ele instala um corte na Itália e depois a transplanta para a França, mas, é uma aristocracia pautada pelos serviços e não somente pela “antiguidade de sangue”.

No caso da sra. de Rênal, primeira patroa e amante de Julien o caráter opositor a Bonaparte transparece na seguinte passagem:

Um dia, ao entardecer, sentado junto de sua amiga [sra de Rênal], no fundo do pomar, longe dos importunos, ele sonhava profundamente. Momentos tão doces, pensava durarão para sempre? Sua alma estava inteiramente ocupada com a dificuldade de escolher uma profissão, ele deplorava esse grande acesso de infelicidade que encerra a infância e estraga os primeiros anos da mocidade.

-Ah! exclamou, como Napoleão era de fato o homem enviado por Deus para os jovens franceses! quem o substituirá? que farão os infelizes, mesmo mais ricos que eu, que tem os escudos necessários para prover-se de uma boa educação, mas não o bastante para comprar um nome aos vinte anos e progredir numa carreira? Não importa o que façamos, acrescentou com um profundo suspiro, essa lembrança fatal sempre nos impedirá de sermos felizes”

No mesmo instante, viu a sra de Rênal franzir a sobrancelha e tomar um ar frio e desdenhoso; essa maneira de pensar parecia-lhe convir a um criado. Educada na ideia de que era muito rica, parecia supor que Julien o fosse também. Ela o amava mil vezes mais que a vida e não dava nenhuma importância ao dinheiro.

Julien estava longe de adivinhar tais idéias. Aquele franzir de sobrancelha trouxe-o de volta a terra. Teve suficiente presença de espírito para compor uma frase, dando a entender à *nobre dama*, sentada perto dele no jardim, que as palavras que acabava de repetir, ele as ouvira durante a viagem a casa de seu amigo madeireiro. Era o raciocínio dos *ímpios*.

- Pois bem, não se misture a essa gente, disse a sra. de Rênal, conservando ainda um pouco daquele ar glacial que, de repente, sucederá a expressão da mais viva ternura.

Aquele franzir de sobrancelha, ou melhor, o remorso por sua imprudência, foi o primeiro golpe contra a ilusão que acalentava Julien. Ele pensou: ela é boa e meiga, gosta muito de mim, mas foi educada no campo do inimigo. Eles devem ter medo sobretudo dessa classe de homens corajosos que, após uma boa educação, não tem bastante dinheiro para seguir uma carreira. [grifos nossos]⁷

Como dito na leitura de tais contrapontos pela lógica dos “sinais”, na linguagem, pela personagem senhora de Rênal consigo ver uma parcela da sociedade que julgava o general e imperador como usurpador. Não somente isso, mas, fortemente opositora ao governo de 1799-1814, por ter colocado no trono e governança um líder que havia retirado do trono o direito hereditário das monarquias, pois, para os Rênal o trono ainda pertenceria aos Bourbons.

A caracterização anti-religiosa de Bonaparte, apesar dele ter permitido o regresso da Igreja Católica em 1804, era um dos aspectos enfatizados como um momento de crítica para o líder. Não se chegou, entretanto, nas obras de Stendhal à vinculação dele com a figura do anti-Cristo, pelo pensamento contra-revolucionário.⁸ O dialogismo aparece na manifestação de afeição de Julien, por Napoleão demonstrada “descuidadamente” da “justificação e alteração” do seu ponto de vista, após a fala da sra de Rênal. As mudanças permitem visualizar o entrecruzamento de pensamentos no interior de tal personagem e conseqüentemente ao processo de certa “desconstrução” do líder admirado.

O “ar glacial” da sra de Rênal apareceu com uma poderosa ferramenta de repressão para Julien. Isso pode ser vinculado a uma lógica de desprezo para com aqueles admiradores de Bonaparte. O comentário da “nobre dama”, grifada pelo autor, demonstra o grupo o qual ela pertencia. É sempre importante lembrar que, apesar de ser uma obra dita “ficcional”, há uma “âncora” social para a formulação imagética⁹ que penso ser possível descortinar essa pela própria vivência do autor. Sua trajetória de filho de uma rica família burguesa de Grenoble que após a Restauração foi afastado de seus cargos públicos, durante um tempo, e frequentador de salões e teatros, abriu-lhe espaços de

⁷ STENDHAL. *O vermelho e o negro*: Crônica do Século XIX. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2002.99.

⁸ Lúcia Bastos faz um paralelo para a figura de Bonaparte enquanto anticristo para o pensamento de começos do século XIX, mais acentuadamente em Portugal no período da Restauração. Entretanto, essas estruturas de pensamento, conforme a própria autora destaca estavam presentes em outras áreas, conforme aponta, nesse sentido a França de Stendhal e desse personagem pode ser visualizada e questionada. Cf.: NEVES, Lucia M. Bastos P. *Napoleão Bonaparte*. Op.cit

⁹ Cf.: WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade*: na História e Literatura. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

sociabilidades¹⁰ em contato com uma classe mais abastada da sociedade, não só francesa, mas, também italiana. Isso lhe deu aos pensamentos de críticas do ex-líder, expressos na “Lenda Negra”, abarcados pelas classes dos antigos primeiro e segundo estamentos da sociedade francesa.

A expressão “educada no campo do inimigo” coloca a amada de Julien em um campo oposto ao seu e assina-la no protagonista suas dúvidas com o partido bonapartista em oposição ao partido monarquista, tentando ascender entre aqueles que compartilhavam os ideais monárquicos.

Na citação de Stendhal ainda vemos a questão da sra de Rênal ter sido criada na ideia de ser muito rica e, por isso, deter um pensamento opositor ao general. Para mim, tal contraposição se baseia principalmente nos ideais de uma burguesia que se afidalgava. Imitando os hábitos de uma classe aristocrática, afastada pelo general da governança, os integrantes desse grupo, sejam da nobreza de sangue ou a antiga de toga, eram opositores ao pensamento de Bonaparte por retirar-lhes o direito hereditário, continuando na trilha da Revolução Francesa.

Na segunda parte de “O vermelho e o negro” não há menções à carreira de Bonaparte ou admiração de Julien para o líder. Isso se deve, como já argumentei, ao fato de uma imagética napoleônica já ter se formado em sua personalidade. Além disso, nessa parte da obra a visão das personagens foi marcada por uma ótica de vista aristocrática, com a nobreza de sangue. As menções ao general são feitas, sobretudo como aquele que se estabeleceu no trono retirando os direitos da antiga casa reinante. Isso pode ser visto tanto na figura do Marquês de La Mole ou seu sobrinho o jovem bispo, que regressaram a França do exílio, após a lei dos imigrados ter sido aprovada.

Stendhal ainda caracterizou o “nobre personagem” como um dos responsáveis por ter articulado em terras inglesas um grupo de oposição aos governos revolucionários e de Napoleão. Isso reforça a perspectiva de manifestar dentro de seus romances as classes opositoras ao antigo general que se mantinham desejoso pela restauração do trono.¹¹

¹⁰ No sentido interacionista de Elias. Cf.: ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte: Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia da corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

¹¹ Para não dizer que não existe qualquer menção a Bonaparte existe a personagem Príncipe Korasoff, de origem russa, cujo protagonista conheceu em uma viagem a Inglaterra, a mando do Marquês, e era um admirador do ex-líder e imperador, por isso cria um vínculo com Julien, afinal os dois eram partidários desse líder.

Presumo, pelo acima, que podemos entender o personagem marquês de La Mole também como opositor a Bonaparte. Afinal, se ele era do partido royalista¹² que como Stendhal nos, era diz um dos mais bem articulados, e ansiava pelo regresso da dinastia Bourbônica ao trono. Esse partidarismo para com os monarcas transparece também na figura da Marquesa de La Mole. Julien, antes de ser apresentado a ela recebe a seguinte descrição do seu velho protetor, o cura Chelan

- Verá também, acrescentou, com a mesma dureza e como se cumprisse um dever penoso, verá a sra Marquesa de La Mole. É uma senhora alta, loura, devota, altiva, perfeitamente polida e mais insignificante ainda. É filha do velho Duque de Chaulnes, conhecido por seus preconceitos nobiliárquicos [...]

No salão dela, verá vários grandes senhores falarem de nossos príncipes num tom de leviandade singular. Quanto a sra de La Mole, ela baixa a voz, por respeito, sempre que nomeia um príncipe e sobretudo uma princesa. Não aconselharia a dizer diante dela que Felipe II ou Henrique VIII foram monstros. Eles foram REIS, o que lhes dá direitos imprescritíveis ao respeito da parte de todos, principalmente da parte de indivíduos sem estirpe, como você e eu.¹³

Se retomarmos o pensamento bonapartista de Julien ser filho do “mal de filho do século”¹⁴ e cruzarmos, pela linguagem ancorada no contexto social de produção¹⁵, podemos entender uma certa defesa do direito divino dos reis e, conseqüentemente, uma oposição à ascensão de grupos “sem estirpe”, ou seja, daqueles cuja trajetória se pautaria por suas próprias ações, tal como efetuada no período Revolucionário e no de Bonaparte.

O caráter de “usurpador” pontuado na passagem da sra de Rênal, destacado anteriormente, fazia parte, provavelmente, da aristocrática família de La Mole, representativa desse grupo social do período. Como sabe-se durante o período da Restauração o pensamento das parcelas mais aristocráticas mais conservadoras, tal como o caracterizado pela família de quem Julien era secretário, propalava uma visão contrária a Bonaparte como um “estranho” que ocupava o trono.

¹² Cf.: STENDHAL. *Napoleão*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

¹³ STENDHAL. *O vermelho e o negro*. Op.cit. p., 243-244

¹⁴ Cf.: WINOCK, Michel. *As vozes da liberdade*. Op.cit. Para Winock o mal dos filhos do século seria aplicado a uma geração em que os ideais do Antigo Regime voltaram à voga, em França, e devido a isso suas possibilidades sociais ficaram mais restritas.

¹⁵ Cf.: SEVCENKO, Nicolau. Introdução. In: _____. *Literatura como missão: tensões culturais e circulação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

Claro que esses aspectos são inferidos, por mim a partir dos cenários de composição dos personagens e das famílias aristocráticas. Considero ser fundamental a composição psicológica dos La Mole, sendo monarquistas e tendo ligações com o monarca. Pois, o Marquês era Ministro do rei e não podia ver de Bonaparte exceto como usurpador do trono francês.

Inseridos dentro de uma classe aristocrática, exilada pela Revolução Francesa e vivendo no exílio, até a Restauração, podemos entender o processo de construção dos personagens da família La Mole e de seu círculo como exemplos de uma classe que mantinha os pressupostos anteriores a Revolução.

Já em “A Cartuxa de Parma” o posicionamento contrário e crítico a Napoleão ocorre fundamentalmente, como já dito, pela personagem Marquês Del Dongo. A meu ver Stendhal executava uma espécie de crítica das velhas aristocracias europeias, baseadas em parâmetros de ancestralidade e medievalidade. Vide o retorno do marquês ao castelo onde se sentia seguro, mencionado anteriormente. Mas, mesmo que Stendhal aspirasse uma caracterização “ridícula” dessa figura através dela, deixava entrever a existência dessa parcela social que criticava o general.

Durante os treze anos de 1800 a 1813, acreditou constante e firmemente que Napoleão seria derrubado antes de seis meses.

Imagine-se, pois, seu contentamento, quando em começos de 1813, teve notícias dos desastres de Beresina! A tomada de Paris e a queda de Napoleão estiveram a ponto de lhe fazer perder o juízo; permitiu-se então os mais ultrajantes comentários em relação à esposa e a irmã. Enfim, após, catorze anos de espera, teve a alegria inexprimível de ver as tropas austríacas voltarem a Milão. Segundo ordens vindas de Viena, o general austríaco recebeu o marquês Del Dongo com uma consideração vizinha do respeito; apressaram-se em lhe oferecer um dos primeiros postos do governo, e ele aceitou como pagamento de uma dívida. Seu filho mais velho teve um posto de tenente num dos mais belos regimentos da monarquia.¹⁶

Logo após essa passagem Stendhal se preocupa em traçar um quadro de descaracterização das competências do marquês, descrito como inábil para os negócios, ávaro, sem noções políticas, tal como seu filho mais velho. Precisamente devido a essa percepção transparece o caráter opositor a Bonaparte e, conseqüentemente, a caracterização de uma classe que ansiava pela queda do general. Não somente como usurpador, mas, também de “tirano” sobre territórios não franceses. A expansão territorial

¹⁶ STENDHAL. *A Cartuxa de Parma*. São Paulo/Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d]. p. 15. p. 71-72.

impulsionada pelas campanhas militares de Bonaparte produziu vastas anexações territoriais e o afastamento das antigas casas reinantes. Houve com isso insatisfação entre grupos leais aos antigos monarcas, ou mesmo não totalmente leais, mas que eram coniventes com as antigas formas de governo e administração, seguindo os direitos estamentais. Pois sabemos que, apesar desses terem sido abolidos na França, com a Revolução, outros estados continuaram tendo-os em suas administrações. E aqui mais uma vez é perceptível a tese de Raymond Willians de que o texto literário carrega as contradições de seu tempo, não só econômicas, mas, também ideológicas.¹⁷

Na sequência da citação, transcrita acima, após a demissão do Marquês Del Dongo de seu cargo público, Stendhal evoca a cena um ex ministro de Bonaparte sendo espancado na rua até a morte, por partidários da monarquia austríaca. Esse personagem poderia ter sido salvo, caso um padre houvesse aberto as portas da igreja. Não tendo feito isso o cura acabou por receber, por interferência do pai do protagonista de “A Cartuxa” e de sua rede de influências um cargo mais elevado nas fileiras da Santa Igreja. Nesse ponto existe, novamente, a crítica de Stendhal a ligação entre política e religião¹⁸.

O fato de um personagem esperar a queda de Bonaparte “a cada seis meses” nos coloca a reflexão sobre grupos opositores dessa figura, que ansiavam profundamente, pelo destronamento do general. As articulações efetuadas pelos exilados, nas mais variadas cortes da Europa, com apoio da Inglaterra, mantiveram a discussão a tentativa do general e isso, demonstra para mim, a possibilidade de entender um grupo o qual criticava os posicionamentos de Napoleão e reverberava fazia campanha contra ele.

A menção à “tomada de Paris” também é interessante para entendermos as críticas a Bonaparte. Após as sucessivas derrotas no Império Russo, pela tática da queima de cidades não havendo proteção para os militares e nem mantimentos, espalhou-se o boato da morte do Imperador na frente oriental. Stendhal participou dessas batalhas na condição de enviado diplomático do Ministério da Guerra e tenente do exército.

Munido dos boatos da morte de Bonaparte o general Malet conseguiu “arregimentar uns poucos descontentes para a sua causa e induzira, pela astúcia, os mais

¹⁷ WILLIANS, Raymond. *A cidade e o campo*. Op.cit.

¹⁸ Cf.: LEVY, Ann – Deborah. *10 textes explicques, Le Rouge et le Noir*: Stendhal. Paris: Hatier, 1987

baixos escalões do poder a lhe garantir o controle da polícia de Paris”¹⁹. Contrastando essa citação com a retirada de “A Cartuxa de Parma”, podemos entender melhor o posicionamento de setores que comemoravam uma possível queda do Imperador, não somente pelo fim de seu reinado, mas, também por poder haver uma restauração dinástica, como houve, a partir de 1814, tendo a Áustria como responsável por isso.²⁰

Pelo que sucintamente expressei acima entendemos que alguns aspectos foram postos nas obras de Stendhal e permitem que entenda a chamada “lenda negra”, ou seja, o líder era vista como um tirano e usurpador. Mesmo Stendhal não compactuando compartilhando tal pensamento sua inserção na sociedade do período fez com que seus escritos apresentassem tais pontos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHANTERANNE, David; PAPOT, Emmanuelle. *Napoleão: sua vida, suas batalhas, seu império*. Tradução de: Leila Kommers e Pina Bastos. Rio de Janeiro: Agir, 2012.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte: Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia da corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

LEVY, Ann – Deborah. *10 textes expliqués, Le Rouge et le Noir: Stendhal*. Paris: Hatier, 1987.

NEVES, Lucia M. Bastos. *Napoleão Bonaparte: Imaginário e política em Portugal (c.1808-1810)*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2008.

RÉMOND, René. *O século XIX 1815-1914: Introdução à história do nosso tempo*. 8. ed. Tradução de: Frederico Pessoa de Barros: São Paulo: Cultrix, 2002.

RUSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. *História da Historiografia*. Ouro Preto, n 2, 2009.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução. In.: _____. *Literatura como missão: tensões culturais e circulação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

¹⁹ CHANTERANNE, David; PAPOT, Emmanuelle. *Napoleão: sua vida, suas batalhas, seu império*. Tradução de: Leila Kommers e Pina Bastos. Rio de Janeiro: Agir, 2012.

²⁰ Cf.: RÉMOND, René. *O século XIX 1815-1914: Introdução à história do nosso tempo*. 8. ed. Tradução de: Frederico Pessoa de Barros: São Paulo: Cultrix, 2002.

STENDHAL. *A Cartuxa de Parma*. São Paulo/Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d].

STENDHAL. *Napoleão*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

STENDHAL. *O vermelho e o negro: Crônica do Século XIX*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2002.99.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na História e Literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

WINOCK, Michel. *As Vozes da Liberdade: os escritores engajados do século XIX*. Tradução de: Elóia Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

